

## Associação Nacional de História – ANPUH

### XXIV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA - 2007

#### Contra-informação e cultura política

Ivone Gallo\*

**RESUMO:** Este artigo trata das formas de comunicação produzidas pelos grupos underground a partir da análise de um caso concreto: a ocupação da Estação Guanabara de Campinas por um grupo de anarcopunks e sem teto no final da década de 1990.

**Palavras-chave:** história contemporânea, ocupações urbanas, anarquismo

**ABSTRACT:** This paper deals with forms of communication produced by underground groups, based on the concrete case of the squatting of Guanabara Railway Station in Campinas, promoted by a group of Anarcopunks and homeless by the late 1990s.

**Keywords:** Contemporary History, squatting, anarchism.

O objeto da nossa comunicação é tratar deste fenômeno da atualidade do aparecimento de novas formas de comunicação alternativas<sup>1</sup> produzidas e apresentadas de maneira até então desconhecida. Eu me refiro mais precisamente, a uma cultura urbana que se manifesta através da produção de grupos underground, das pichações, grafites, inscritos nos muros e prédios da cidade, incorporados, portanto, à arquitetura, bem como às demais intervenções sobre o corpo na forma de tatuagens piercings, próteses, etc. que juntos transformam a paisagem urbana. O assunto sugere uma pluralidade de manifestações que devem ser distinguidas o que passamos a fazer agora, para posteriormente enfocarmos um caso específico que nos fornece a chance de desenvolver em detalhes parte de nossa argumentação.

As formas mais contemporâneas de resistência às comunicações e informações autorizadas surgiram nos anos 70 do século XX, com o movimento de rádios livres teria tomado impulso na Europa, a França estabelecendo, em 1969, a sua primeira rádio livre (Radio Campus-Lille). Vejamos que, enquanto comunicação alternativa isto não apresentava nenhuma novidade se considerarmos que nos Países Baixos e também Chicago, desde 1925, houve uma iniciativa na radio difusão alternativa promovida pelo movimento operário e sindical destes países. Na Bolívia em 1952, os mineiros bolivianos empreenderam uma

\* Doutora em História e docente da Faculdade de História da PUC-Campinas

<sup>1</sup> Aqui faço uso livre da palavra, mas é preciso considerar as implicações conceituais que envolvem o emprego da mesma, pois imprensa alternativa não significa imprensa underground que pressupõe uma iniciativa contra-cultural explícita.

experiência de autogestão neste campo e, no Brasil, por volta dos anos 70, e na vaga do movimento na Europa, fundou-se uma cooperativa dos Radio Amantes (MACHADO, MAGRI, MASAGÃO, 1986). Assim, nos interrogamos sobre um fio condutor a ligar estas insurgências passadas em diferentes épocas.

Inicialmente, aparece nestes movimentos, como característica forte, uma crítica ao Estado, ou ao Estado burguês, dependendo do caso, visto como o controlador do discurso. Na qualidade de senhor dos meios de comunicação, este organismo não apenas adquire o poder de emitir uma informação e legitimá-la, mas de, por meio de concessões feitas por um mecanismo clientelista autoriza privilégios e, conseqüentemente, a permanente reprodução da informação autorizada. Isto se torna uma evidência, sobretudo em momentos de crise, quando toda fala fora do sistema é calada, pois atribui-se ao discurso não autorizado o tratamento de crime contra a segurança nacional.

O desenvolvimento tecnológico que promove cada vez mais um distanciamento da população em geral das formas de produção do aparato técnico, cada vez mais sofisticado e acabado dentro de um sistema que retira das vistas as várias fases de sua confecção, representa um agravante para as tentativas de democratização das informações, pois deixamos de conhecer os meios que permitiriam a sua reprodução. Não pretendo dizer com isto que a tecnologia impeça os mecanismos de reação ao sistema instituído, muito ao contrário, as formas de resistir ao controle estão aí, nas rádios livres, na mídia independente, no hakerismo. As transmissões de rádios Livres, geralmente são promovidas com trabalho autogestionado e com poucos recursos porque não tendo como finalidade o mercado, independem do uso de um equipamento sofisticado. Entretanto, o alcance, é preciso que se reconheça, torna-se limitado inclusive pela precariedade dos materiais empregados nesta empreitada, muitas vezes restrito a emissões de caráter local. Evidentemente que, mesmo com um curto alcance a comunicação independente pode gerar um grande incômodo, para exemplificar há a referência de Guattarri à Rádio Tomate, vez por outra, invadida por desempregados, mendigos, ou habitantes do bairro que faziam ecoar pelo Quartier Latin suas vozes (MACHADO, MAGRI, MASAGÃO, 1986). Se a emissão de contra-informação implica trabalhar na invisibilidade devido a própria coerção legal, inclusive, vemos que foi a internet quem ofereceu nos últimos anos um potencial maior para estes processos com a criação do conceito de rede como uma forma de economia de informação, calçada na invisibilidade e na diversidade como propõe Hakim Bey (HAKIM BAY, 2001)<sup>2</sup>. Reinventando autores como Foucault, Deleuze, Baudrillard e

---

<sup>2</sup> Deste personagem legendário, sobre o qual circulam histórias inverossímeis na internet, pouco se sabe de fato, pois vive no underground, recusando-se a aparecer na mídia.

Guattari, o autor defende a TAZ como tática eficaz numa “revolução de todo dia”, como uma recusa do mundo do controle que trabalha com a tecnologia de forma invertida, isto é, se a internet foi estabelecida como forma de acelerar o sistema, utiliza-se o sistema provocando o efeito contrário. Na medida em que opera com o conceito de rede e de nomadismo alcança eficácia pela capacidade que desenvolve no estabelecimento de relações extensas e ao mesmo tempo mutantes fator de garantia de sua permanência na ativa, cada vez mais fortalecida pela incapacidade do próprio sistema de eliminá-la. Na verdade, a TAZ, faria parte de um todo que implica numa contestação global, nos moldes do anarquismo e pleiteia na sua seqüência o não comparecimento às eleições, uma recusa ao trabalho em sentido extenso, como vadiagem, embriaguez em serviço, falta de atenção, sabotagem, ilegalidade, etc.

A tecnologia moderna facilitou hoje em dia o surgimento das mídias independentes que procuram noticiar fatos não abordados ou mínimamente comentados na imprensa tradicional. Um fato curioso é que neste tipo de veículo de informação é concedido ao público leitor um amplo espaço para a divulgação de assuntos que julgue importantes e, algo muito importante, para a crítica e o comentário daquilo que é apresentado. Infelizmente, a democratização das informações não impede os abusos, seja do poder, seja dos grupos que pretendem miná-lo.

Uma distinção é necessária, pois nem toda forma de comunicação alternativa representa uma ruptura definitiva com a ordem estabelecida. Este é o caso, por exemplo, das Rádios Piratas, que para fugirem da legislação dos monopólios, transmitiam fora do circuito, normalmente montadas em barcos que portavam uma bandeira negra, como as dos corsários. Financiadas por multinacionais, almejavam a quebra dos monopólios em comunicação, sem abrir mão do lucro, assim uma associação às avesas com a imagem dos piratas parece evidente. Do ponto de vista de Hakim Bay, por exemplo, a inspiração do fora de lei que a imagem do pirata evoca quando apontamos para a sabotagem na moderna comunicação, adquire uma conotação diferente, mais radical, inclusive geograficamente, como ilhas de foras da lei, que romperam efetivamente com a ordem. Afinal de contas, é preciso mencionar, o contato dos piratas com o ouro diferia da concepção de riqueza da Idade Moderna, pois os tesouros que açambarcavam eram gastos numa vida desregrada, de prazeres e aventuras, enfim, uma conduta em muito distante daquela incentivada pela pirataria moderna, patrocinada pelas grandes empresas, cuja expectativa do lucro pela quebra da concorrência é o motor principal. O hackerismo, na sua forma mais contestatória, e outras formas radicais de uso do sistema, adaptam-se melhor às imagens evocadas em torno da figura do pirata, pois, os

contraventores modernos agindo na clandestinidade o fazem no sentido de uma contra informação.

Aquilo que usualmente conhecemos como imprensa alternativa, cujos sucessos são muito difundidos numa batalha incessante contra o movimento militar de 1964 no Brasil, também preserva uma diferença muito grande com as formas atuais de expressão crítica como as pichações, grafites, tatuagens e demais intervenções sobre o corpo, os fanzines, etc. Isto não apenas no seu aspecto formal. Se os jornais alternativos dependiam do aparato das grandes empresas jornalísticas que, para operacionalizar melhor o seu maquinário, pessoal e espaço faziam rodar aqueles jornais (KUCINSKI, 2003), a produção atual rejeita francamente esta opção de atrelamento. Os zines dos grupos mais engajados decorrem de um trabalho quase artesanal de colagem, montagem e produção coletiva e caseira, sem finalidade de lucro. Normalmente, o preço deste material é calculado com base no custo e visa apenas à cobertura deste gasto, pois a idéia é fazer circular no universo underground a produção dos vários grupos distintos que tomam parte nesta cultura.

No caso das tatuagens e escarificações e piercings é o próprio corpo que se presta a um uso como suporte de informação que nesta condição perde uma representação meramente orgânica para adquirir, ao invés disto, uma valorização simbólica. As inscrições e modificações sobre o corpo, na verdade, existem nas sociedades tribais ou não, do Brasil ao Japão, e servem como fator de identidade, como substituto da escrita, como vetor de memória, poder, ou simplesmente como valorização estética. Na sociedade contemporânea, o uso de tatuagens e piercings disseminou-se a partir dos movimentos de jovens - do hippie às tribos urbanas - e reflete comportamentos de resistência, esperanças de liberdade ou meras demonstrações de autonomia individual como forma de recusa aos grilhões da sociedade de massa (PIRES, 2005; ARAUJO, 2005).

O conceito de underground vem sendo discutido a partir das teorias de Baudrillard que entende um mundo pós moderno de reposição incessante do mesmo pela capacidade midiática em apropriar-se da crítica ao sistema, fazendo com que a crítica incorporada sirva aos interesses do controle social. As pesquisas de campo que desenvolvi neste sentido chocam-se frontalmente contra esta perspectiva analítica (KEMP, 1993). Uma análise de caso nos ajuda a compreender melhor este ponto. Eu me refiro ao acompanhamento, como observadora, do processo de ocupação da estação Guanabara de Campinas durante os anos de 2002 e 2004<sup>3</sup>. As ocupações urbanas vêm se difundindo por todo o mundo, porém não

<sup>3</sup> A ocupação da antiga estação, na verdade, vinha ocorrendo desde a década de noventa por grupos de sem teto, catadores de papel e uma população heterogênea à qual se juntou em 2000 um grupo de anarcopunks que ali produziu uma série de ações sociais.

representam algo novo. Christopher Hill menciona os squatters como um segmento na categoria de homens sem senhores que na Inglaterra do século XVII ocupavam ilegalmente os terrenos comunais, as áreas incultas e florestas e com suas ações resistiam aos cercamentos, às determinações reais e às leis restritivas à propriedade comunal e à pobreza (HILL, 1987). Precurssores dos runters, foram considerados vagabundos e párias sociais que viviam desligados da cultura dominante e criando um modo de vida próprio pautado na liberdade sexual e distante da moral religiosa do período. Para o caso da França, há o artigo de Michele Perrot intitulado “Na França da *Belle Époque*, os “Apaches”, primeiros bandos de jovens” sobre os jovens pobres, na maior parte, filhos de operários que, no início do século XX, em Paris, adotaram uma postura sarcástica e irônica em relação a sua condição de pobres e excluídos, contra o capitalismo, porém sem um projeto revolucionário, optando pela vadiagem e, antes disto, pela recusa ao trabalho (PERROT, 1988). Distintivos de uma cultura urbana, deslocavam-se da periferia em direção ao coração da cidade em busca de diversão e notoriedade.

Atualmente, podemos acompanhar processos de ocupação rural e urbana e mesmo agrupamentos chamados de coletivos e de squatt (palavra que, entre nós já se torna um verbo, “esquatar”, portanto definidora de uma ação), cujas características são as mais diversas. Há jovens artistas que habitam coletivamente e produzem trabalhos fruto deste compartilhar vidas, experiências e idéias; há, por exemplo, os acampamentos de sem terra com uma conotação política mais explícita; do mesmo modo há as ocupações urbanas de sem teto que estreitam seus vínculos com outros movimentos de ocupação; há, desde há muito tempo, as ocupações anarquistas de cunho político e comportamental. Todos estes modelos, não sendo totalmente inspirados naqueles exemplos citados do passado, ainda assim, nos permitem estabelecer certas comparações cuja natureza ainda está por ser investigada mais a fundo. De todo modo, o fundo geral de compreensão destes processos é o periódico ciclo de expansão do capitalismo que provoca juntamente o aumento da miséria aliada a um crescimento populacional constante e formas de opressão que incidem sobre linguagens destoantes. É este o dado que nos permite uma aproximação entre períodos e espaços geográficos tão distantes como o século XVII da Inglaterra e o século XXI no Brasil e, sobretudo, o caso que estamos analisando.

O que tudo isto nos diz então, é que existem culturas de grupos, espontâneas ou organizadas, de caráter popular ou intelectualizadas, enfim, uma Babel manifesta hoje em dia, nas ruas, nos clubes, com seus trajes, linguagens, anseios, comportamentos que o sistema de comunicação oficial não consegue mais encobrir. Evidentemente, neste campo, há distinções

necessárias a se fazer entre os que se situam claramente à esquerda e aqueles que se posicionam à direita, bem como entre aqueles que assumem uma ideologia e os que a transformam apenas na moda passageira do momento. Este assunto é bastante extenso e para efeito deste artigo vou deter-me na participação do grupo de anarcopunks na ocupação da Estação Guanabara de Campinas de 2002 à 2004. Para efeito desta análise cabe um conceito de cultura underground enquanto contestação da ordem vigente que passa, à partir da ótica da periferia, à discussão dos ritos, mitos, linguagens e práticas da cultura dominante. Em breves artigos, venho há algum tempo esboçando algumas conclusões a que cheguei a respeito do que se passou e que retomo alguns pontos aqui para a informação do leitor. Inicialmente o dado importante sobre a ocupação ter se feito em um prédio considerado como Patrimônio Histórico da cidade de Campinas, assim reconhecido pelo Codenphacc, e que suscita uma série de polêmicas acerca do destino dos símbolos de memória e de sua apropriação. Os sem teto, os drogados, a juventude pobre rebelde, em suma, os excluídos da história, no ato da ocupação questionaram o valor do edifício como representação de uma memória coletiva. No prédio ocupado uma nova linguagem e uma nova representação de patrimônio histórico, antes emudecido pelo abandono, passou a vigorar, agora como símbolo da miséria e da opressão centenária a que vive submetida a sociedade brasileira. A fachada externa e as paredes internas foram recobertas com grafites e inscrições que se remetiam a aspectos do dia a dia daquela comunidade bem como à condição de parias sociais de seus habitantes (MANCO, ART, NEELSON, 2005).<sup>4</sup> Uma análise desta produção pode ser feita do ponto de vista da sua qualidade gráfica e artística tanto quanto do seu valor histórico, político e social.

As pichações, tão polêmicas no que se refere a intervenção que provocam no espaço urbano e no que tange à sua intervenção na propriedade pública e/ou privada, inspira reflexões sobre a estética e sobre papéis sociais representados por grupos periféricos nas grandes cidades. Sem meios de expressão que garantam a emissão de seus anseios, os muros, paredes, fachadas de edifícios, convertem-se nos meios passíveis de garantir, pela ampla visibilidade, que a sociedade ouça, em alta voz, os clamores da periferia. A sua significação, muitas vezes, não se encontra na palavra grafada, pois ela pode aparecer para o leitor como um amontoado de letras que juntas não portam um significado, ou melhor, a sua significação estará associada ao grupo capaz de reconhecer naquela inscrição a assinatura do seu autor. Aos de fora, as inscrições assemelham-se a uma arquitetura das palavras sobreposta àquela de cimento e concreto que redesenham a cidade e concedem aos prédios emudecidos a voz da

---

<sup>4</sup> Atualmente existe uma vasta bibliografia que permite conhecer a história do grafite nas suas diversas fases e ambientes, bem como a contradição/interação entre grafite e pichação.

periferia. Mais do que uma compreensão da literalidade das palavras, que, de todo modo, na sociedade moderna parecem esvaziadas de sentido, a arquitetura das palavras espera a sua compreensão mais da impressão que a imagem é capaz de provocar, isto é, ouve-se em alta voz os clamores da cidade esquecida quando vistos, em tamanho descomunal nas fachadas e muros, nos becos e no coração da cidade.

Um segundo ponto a que gostaria de me referir é sobre o próprio ato de produzir as pichações e grafites. O desenho ou inscrição, ganha em significação também pelos processos de risco que envolve a performance, por configurar-se enquanto uma contravenção e por exigir que o pichador ou grafiteiro execute sua ação, muitas vezes do alto dos prédios sem uso de equipamento de segurança. É, portanto, uma ação de provocação, mas também de desafio para aquele que a executa, sem outro modo de realizar o seu intento, pois, antes de mais nada, a idéia é exprimir uma oposição, uma insubmissão, um desacato e, com tudo isto, alcançar notoriedade. Este último aspecto torna-se importante para a análise pela ironia de atingir fama independentemente da mídia e, além disto, por tornar-se visível pela mídia televisiva que não tem como impedir que as imagens aderidas ao espaço público sejam transmitidas a todos os lugares.

No caso específico dos anarcopunks da estação guanabara, a linguagem e a expressão dela adquirem um significado ampliado pelo seu modo de fazer (TOLSTOI, 2002). A palavra adquire um conteúdo pleno pelo seu modo crítico de produção. Um exemplo que gostaria de citar é o da Associação dos Poetas, estabelecida dentro da ocupação e que com base em autorias coletivas e sem finalidade de lucro produzia os poemas, depois impressos em zines da série La Poema, que circulavam nas redes de relações do grupo (HOME, 2004) <sup>5</sup>. Uma compreensão mais ampla destas questões apenas pode ser alcançada se avançarmos nas nossas interpretações, desligando-nos de uma análise meramente presa à lingüística enquanto um método para uma abordagem no campo de uma história social que permita vislumbrar a linguagem na sua dinâmica com a sociedade, nas suas interações e nos seus conflitos (BURKE, POTTER, 2005, a).

---

<sup>5</sup> Em Londres, entre os anos de 1990 e 1993, grupos de artistas ligados a Stewart Home paralisaram suas atividades como questionamento de uma arte legitimada por especialistas e administradores. A partir do esvaziamento do conteúdo da arte pelo seu ingresso na teia de relações do sistema, propuseram uma Greve da Arte como forma de resistência. Em oposição às teses de Baudrillard visavam uma recondução da arte ao seu papel na luta de classes pela inspiração revolucionária de idéias, formas e técnicas.

**BIBLIOGRAFIA**

- ARAUJO, Leusa. *Tatuagem, piercing e outras mensagens do corpo*, São Paulo: Cosac Naify, 2005
- BEZERRA DE MENESES, Ulpiano. “Fontes visuais, cultura visual, História visual. Balanço provisório, propostas cautelares”, in *Revista Brasileira de História*, São Paulo: ANPUH/Humanitas Publicações, vol.23, n. 45, 2003.
- BURKE, Peter e POTTER, Roy (orgs.). *História Social da Linguagem*, São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1997.
- \_\_\_\_\_. *Línguas e jargões: contribuições para uma história social da linguagem*, São Paulo: Fundação Editora da UNESP (Biblioteca Básica), 1997.
- FABRIS, Annateresa e KERN, Maria Lúcia Bastos. *Imagem e conhecimento*, São Paulo: Edusp, 2006.
- GALLO, Ivone C. D. “O Patrimônio em questão: a ocupação da Estação Guanabara”, in *Notícia Bibliográfica e Histórica*, n. 199, outubro/dezembro, 2005, pp. 383-401.
- \_\_\_\_\_. “A ocupação da Estação Guanabara e o papel dos anarcopunks”. Comunicação apresentada no XXIII Simpósio Nacional de História, “Historia: Guerra e Paz”, Londrina, julho 2005.
- HILL, Christopher. *O mundo de ponta-cabeça: idéias radicais durante a revolução inglesa de 1640*, São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- HAKIM BEY. *TAZ, Zona Autônoma Temporária*, São Paulo: Conrad Editora do Brasil (Col. Baderna), 2001
- HOME, Stewart. *Manifestos Neoístas: greve da arte*, São Paulo: conrad Editora do Brasil (Col. Baderna), 2004
- MACHADO, Arlindo et alli. *Dádios Livres. A reforma agrária no ar*, São Paulo: Brasiliense, 1986.
- KUCINSKI, Bernardo. *Jornalistas e Revolucionários nos tempos da imprensa alternativa*, São Paulo: Edusp, 2003.
- MANCO, Tristan et alli. *Graffiti Brasil*, Londres: Thames&Hudson, 2005
- PIRES, Beatriz Ferreira. *O corpo como suporte da arte: piercing, implante, escarificação, tatuagem*, São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2005.
- TOLSTOI, Leon. *O que é arte?* São Paulo: Ediouro (Clássicos Ilustrados), 2002.